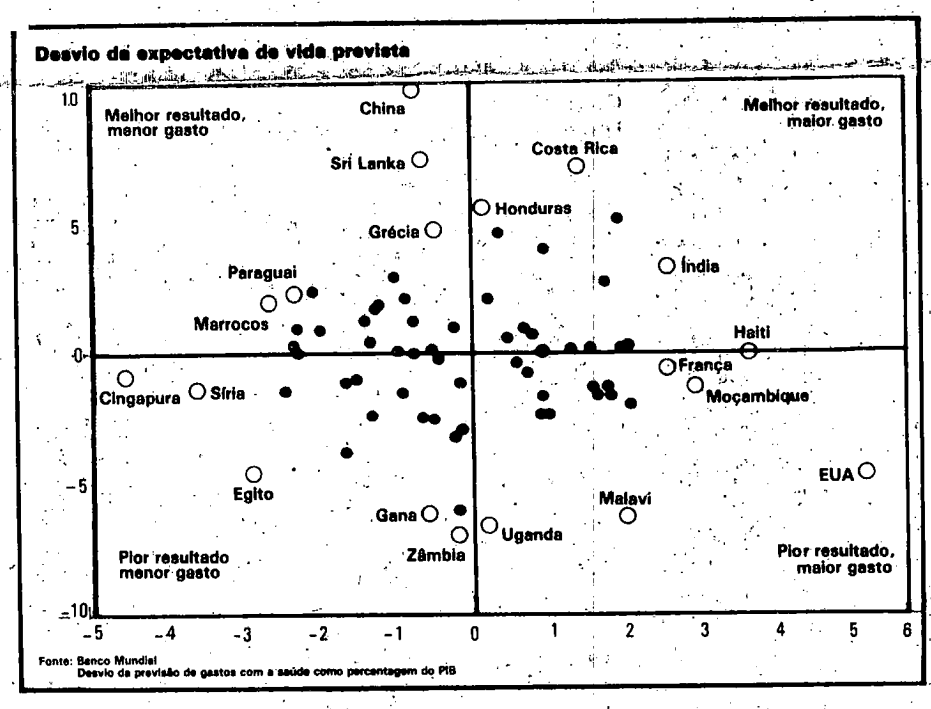
Preservar a vida está cada vez mais caro

por Claudia de Souza
de São Paulo



O ônus da doença sobre países desenvolvidos e em desenvolvimento, ainda é muito grande. A cada ano, cada habitante do planeta perde três meses de vida sadia, seja por morte ou por incidência de doenças contagiosas (que ainda aparecem com grande freqüência nas nações menos favorecidas) e não contagiosas — próprias dos países desenvolvidos e mais caras de curar.

A América Latina, ressaltou em São Paulo o diretor do estudo sobre saúde do Banco Mundial, Philip Musgrove, está em plena transição, arcando não só com o ônus de curar epidemias que são resultado da ausência de saneamento e da desnutrição mas também com a incidência já alta de doenças associadas com países de população mais velha. Doenças relacionadas com o hábito de fumar, como as enfermidades cardiovasculares e o câncer, serão responsáveis por 2 milhões de mortes ao ano na próxima década, o dobro do número atual. Se a tendência persistir, dentro de duas décadas essas mortes serão de 12 milhões ao ano só nos países em desenvolvimento, segundo estima o banco.

Embora os sistemas de saúde tenham sido responsáveis pelo enorme progresso na situação da saúde nos últimos quarenta anos, segundo o diagnóstico do banco eles ainda operam mal, impedindo que se evolua na eliminação de mortes prematuras e incapacidades causadas por doenças.

(•) O dinheiro público, ressalta o BIRD, é gasto com intervenções pouco eficazes, como cirurgias em pacientes da maior parte dos tipos de câncer, ao mesmo tempo em que intervenções essenciais e de grande eficácia em relação ao seu custo ("cost-effective", um conceito valorizado pelos técnicos do BIRD responsáveis pelo estudo), como o tratamento da tuberculose e das doenças transmissíveis pelo sexo, permanecem sem fundos.

Em alguns países, constata o relatório, um único hospital-escola pode absorver 20% ou mais do orçamento do Ministério da Saúde, ainda que quase todas as intervenções que são realmente eficazes em eliminar a possibilidade de doenças ou curar as doenças que afetam grande número de pessoas possam ser feitas da melhor maneira em instalações mais simples.

(•) Os gastos oficiais com saúde são transferidos de forma desproporcional para os mais ricos na forma de serviços gratuitos ou subsidiados prestados em hospitais públicos sofisticados e não ligados à medicina básica e na forma de subsídios para seguros públicos e privados.

(•) Há muito desperdício dos recursos, com a compra de produtos com marcas famosas em vez de similares mais baratos. Os funcionários são mal aproveitados e supervisionados, os leitos hospitalares subutilizados.

Em países de renda média como o Brasil, os custos dos serviços de saúde estão explodindo, conforme constata o relatório. Os gastos estão crescendo em ritmo muito maior do que a renda.

Um número crescente de clínicos gerais e especialistas; novas tecnologias, seguros de saúde ligados a serviços pagos na base de "fee", todos contribuem para uma demanda que está sempre aumentando.

"O problema com a saúde", disse em São Paulo o apresentador do estudo do Banco Mundial, "é que, além de ter se tornado um bem de luxo e que absorve mais dinheiro nos países ricos do que nos países pobres, ela tem a tendência de apresentar uma demanda que é insaturável. O papel dos governos é saber onde parar e como oferecer os serviços que sejam mais eficazes em relação ao seu alcance e o seu custo."

A possibilidade de gastar mal é inesgotável. Os países desenvolvidos gastaram em média US$ 1.500 por pessoa em 1990, e 9,2% do PIB em média. Os países em desenvolvimento gastaram em média US$ 41 por habitante, bem menos do que gastaram as nações ricas, e 3,5 a 6% do PIB.

Os Estados Unidos, sozinhos, gastaram em 1990 41% do dispêndio total do planeta com saúde. "Os Estados Unidos apresentaram os maiores gastos e os piores resultados. Os americanos vivem entre 4 e 5 anos menos do que seria de se esperar", comentou Musgrove. A China apresenta os melhores resultados com o menor volume de gastos (ver quadro) e o chinês vive dez anos mais do que os habitantes de países com dispêndios com saúde com proporções do PIB similares aos da China.

Como mostra o quadro elaborado pelo BIRD, a China aparece no quadrante superior da esquerda, oferecendo melhores serviços com menos gastos. Outros países, como a Costa Rica, apresentaram melhores resultados mas gastam mais. O Egito e Zâmbia, têm o pior dos dois mundos, gastando muito mal, ficando no quadrante inferior da esquerda.

O Brasil, com uma expectativa de vida ao nascer de 66 anos para seus habitantes e gastos com saúde equivalentes a 4,2% do seu PIB, não mostra um quadro favorável se comparado com outros países. O Chile tem maior expectativa de vida, de 73 anos, e também gasta mais: 4,7% do PIB.

A China tem, segundo os técnicos no BIRD, um bom desempenho porque gasta com eficácia: são 69 anos de expectativa de vida para 3,5% do seu PIB gastos com saúde.

O Canadá é considerado um modelo do ponto de vista da eficácia de seu dispêndio com relação aos resultados que obtém: uma expectativa de vida para seus habitantes de 77 anos, com dispêndio de 6,8% de seu PIB — bem abaixo da média dos países avançados.

Os Estados Unidos têm o pior quadro: gastos extravagantes, de 12,7% do PIB, para uma expectativa de vida de 76 anos, muito pouco, considerada a enormidade do que gastam.